

## BAHIA, BERÇO DE HERÓIS E TERRA DE CIVISMO (\*).

De há muito convidado pelo meu particular e velho amigo Lanzara, que no Clube dos 21, por escôlha ou sorte, representa a Bahia, aqui estou hoje presente para, nesta festiva reunião, conversar convosco, falando de minha estremecida terra natal.

Foi a Bahia que me aproximou de Lanzara, mais de três lustros já decorridos. Em agosto de 1939, transpus pela primeira vez os umbrais de sua oficina, à rua Piratininga. Sobraçava eu então o conjunto de fotografias que havia obtido pessoalmente na Cidade do Salvador e suas adjacências. Achava-me imbuído dum ideal em marcha, que força humana alguma seria capaz de deter. Queria perpetuar nas páginas duma publicação condigna os tesouros artísticos e históricos que, com ingentes sacrifícios, conseguira fixar em imagens sugestivas. Lanzara compreendeu-me de pronto e acolheu-me de braços abertos. Feitos os ensaios preliminares, ajustamos as condições. Entrei a freqüentar sua tenda de trabalho. A princípio, cerimoniosamente. Ôbices na aparência intransponíveis, decorrentes da anormal situação que atravessávamos (a 2a. Grande Guerra estalou no dia imediato ao em que recebi o orçamento para a feitura de minha obra), quase fizeram soçobrar os ardentes planos que tinha em mente. Momento houve, logo de saída, em que todos os técnicos desanimaram, julgando impossível alcançar a perfeição por mim visada. Até Lanzara. Nesse instante decisivo, a minha férrea força de vontade realizou o milagre. Vendo o fogo sagrado que me empolgava, êste meu grande amigo conseguiu o impossível. Fêz vir da Inglaterra, já profundamente conturbada pela luta gigantesca contra a Alemanha, o material que faltava. E os mestres gravadores puderam transportar para o cobre os mais lindos labores de arte gráfica já alcançados no Brasil. Um ano e pouco depois, deixava o prelo "Relíquias da Bahia". O sucesso estrondoso do seu lançamento animou-me a prosseguir na senda em que enveredara. E, numa seqüência sem interrupção, outros livros meus surgiram, elaborados nas oficinas de Lanzara: "Roteiro de Paulo Afonso", "Fortes Coloniais da Cidade do Salvador", "Encantos Tradicionais da Bahia", "Rio de Janeiro" (Terras e

(\*) . — Palavras pronunciadas na reunião-almôço do Clube dos 21, em homenagem à Bahia, a 9 de agosto de 1955, na cidade de São Paulo.

Águas de Guanabara), “Relíquias da Terra do Ouro”. Mas, não vim aqui para recordar os passos que eu e Lanzara demos juntos nessa estrada maravilhosa da arte nacional. Pediu-me êle para vos falar da Bahia, dizer algo de novo para os vossos ouvidos.

Que poderia, então, trazer-vos, sem repetir o muito já por mim proclamado em outras ocasiões? Encerra a fascinante história da primitiva metrópole brasileira figuras e fatos que, evocados nestes dias amargos da éra atual, servem de lenitivo e incentivo aos que ainda não descreeram dos altos destinos de nossa Pátria. Julguei, pois, oportuno recapitulá-los, falando da “Bahia, berço de heróis e terra de civismo”.

Pela sua posição geográfica estratégica, foi a Bahia escolhida, há mais de quatro séculos, pelo então rei de Portugal, Dom João III, para sede do governo unificado do Brasil. Instalou-se à margem oriental do imenso golfo de Todos os Santos a administração lançada em bases duradouras pelo pulso vigoroso de Tomé de Sousa. E a civilização ocidental marchou terras a dentro, criando as primeiras fontes de riqueza nacional: os engenhos de açúcar e a criação de gado bovino, com as sementes vegetais e animais trazidas de Cabo Verde. Bem depressa a uberdade do Recôncavo, esta privilegiada região em que ainda agora está a jorrar, para nossa redenção econômica, o petróleo brasileiro, correspondeu ao esforço hercúleo dos desbravadores indômitos. Florescentes engenhos de moer cana espalharam-se nas baixadas, à borda dos rios e lagamares, aproveitando a força hidráulica da zona. A prosperidade cada vez maior das lavouras sacarinas despertou a cobiça estrangeira. Hordas holandesas, no alvorecer e por tôda a primeira metade do século XVII, pretextando vingar-se da Espanha, sob cuja tutela caíramos no ano de 1580, com a extinção da dinastia de Aviz em Portugal, assaltaram a capital fundada pelo 1.º governador geral, e suas circunvizinhanças, saqueando e depredando o produto do trabalho pacífico da colonização portuguesa. Sete investidas de maior envergadura promoveram os batavos, conseguindo numa delas, em maio de 1624, tomar a Bahia e conservá-la priscineira quase um ano. Foi durante as refregas contra os holandeses que ocorreu, a meu ver, o acontecimento máximo determinante da atual unidade nacional. Ei-lo: governava em 1637 os domínios dos Estados Gerais, implantados no nordeste brasileiro, o príncipe Maurício de Nassau. Vitorioso, a princípio, em suas incursões conquistadoras de território, chegou êle até às margens do Rio São Francisco, levando de roldão as tropas comandadas por intrépidos luso-brasileiros. Só lhe restava transpor a caudal e caminhar em perseguição do adversário, completamente sem meios de deter-lhe o passo. E teria chegado facilmente, por terra, à Cidade do Salvador, tomando-a sem dificuldade. Mas o

orgulhoso fidalgo, embriagado pelos êxitos contínuos das armas da Holanda, como Hitler em 1940, desdenhou da capacidade de resistência de seus antagonistas. Preferiu fazer um bonito, conquistando espetacularmente a *oppidum* de Tomé de Sousa. Regressou a Recife e armou poderosa frota para o assalto decisivo, por via marítima. Em abril de 1638, cruzou com espavento a barra de Todos os Santos, ancorando os seus navios de guerra ao norte da povoação, que atacou por terra logo a seguir. Recuaram os defensores, entregando-lhe sem resistência o terreno plano. Entrincheirados, porém, na colina de Santo Antônio Além do Carmo, guarda avançada da porta setentrional da cidade, ofereceram então a mais encarniçada oposição pelas armas. Feriu-se aí, a 18 de maio daquele milésimo, a batalha decisiva. Horas a fio durou o tremendo choque. Subindo a encosta, receberam os invasores as descargas mortíferas dos nossos. O furor da pugna, começada o sol pôsto, prosseguiu pela noite a dentro, à luz da lua. Quando já parecia sorrir aos holandeses o êxito da luta, surgiu pela sua retaguarda o corpo de exército sob o comando de Luís Barbalho Bezerra, postado à ilharga da estrada da Quinta dos Padres. Apertado entre dois fogos, Nassau sofreu a mais estrondosa derrota de sua vida. Abandonou o campo de batalha, juncado de cadáveres de seus compatriotas, e pediu um armistício de algumas horas para enterrar os mortos. Uma semana mais tarde, com o moral abatido, desistiu de tomar a Bahia e velejou de volta para Pernambuco. Salvaram os baianos coadjuvados por brasileiros de todos os quadrantes, naquele momento cruciante, a atual unidade do Brasil. Se Nassau houvesse conseguido sucesso, ninguém o tiraria de lá, e hoje assistiríamos talvez o espetáculo contristador de ver o Brasil fragmentado em duas porções: uma holandesa ao norte, e outra portuguesa ao sul. Mais do que Guararapes, a derrota neerlandesa da colina de Santo Antônio Além do Carmo contribuiu para manter a nossa coesão. Sem esta vitória das armas luso-brasileiro-espanholas, aquela outra nunca teria ocorrido.

Mas, não só no setor belicoso, os baianos apresentam padrões de glória ao Brasil. Em todos os outros campos de atividades benfazejas, isso aconteceu. Exemplos de abnegação e solidariedade humana, orientados no bom sentido da coletividade, enchem as páginas da história da Bahia. Ainda naquele longínquo século XVII, vamos contemplar uma cena deveras edificante. Corria o ano de 1686. Trazida da Costa da África, com escala pelo Recife, a *febre amarela*, êste flagelo que tanto havia de nos castigar pelos séculos adiante, instala-se na Bahia. O mêdo inspirado pelo morbo traduz-se na denominação com que o apodaram: a *bicha*. Horripilante em sua devastação humana, a doença invade tôda a parte. Imaginai o espetáculo doloroso do pavor da morte estampado nos

que fugiam ao contágio. Quadros dantescos sucediam-se. Enfermos abandonados pelos seus, nos estertores da agonia, a lançarem os tétricos vômitos negros. Como cães pestosos, desprezados pelos entes mais queridos. Em meio a esta confusão incrível, que sòmente podem avaliar os que já presenciaram uma epidemia mortífera, surge uma figura de mulher impressionante: Dona Francisca de Sande. Nobre, rica e bela, abre as portas de seu solar e o transforma em hospital, acolhendo os enfermos abandonados. Com as próprias mãos, sem temer a terrível doença, cujo mecanismo de transmissão ninguém conhecia, trata dos amarementos até cessar o surto epidêmico. Com o seu exemplo magnânimo, deu a maior prova de desprendimento pessoal que já se poderia ter dado em terras do Brasil: amparou o próximo na dôr, sem dêle esperar qualquer retribuição, com o mais profundo sentimento de piedade pela desgraça alheia. Mais ainda, arriscando a vida, a trôco de nada. Exemplo de altruismo comparável a êste, eu só conheço um, ocorrido dois séculos mais tarde, também na Bahia. Foi no ano de 1855. Importada no bôjo duma embarcação de cabotagem, a *cólera asiática* invade a Bahia. Rápido, o contágio espalha-se pela cidade e arredores. A mortandade atinge cifras fantásticas. Despovoam-se as fazendas e os engenhos. Os senhores oferecem liberdade aos escravos para não os ter que enterrar. Subverte-se a ordem social. Autoridades, espavoridas, fogem ao cumprimento do dever. Salve-se quem puder, é o lema da catastrófica situação. Santo Amaro, a próspera cidade do Recôncavo, vê-se totalmente despovoada. Cadáveres de coléricos amontoam-se sem sepultura, empestando ainda mais o ambiente. O pavor coletivo transformou a florescente urbe num deserto, onde os agonizantes estertoram sem a menor assistência. Negam-se a seguir para lá os médicos e as autoridades enviados pelo Govêrno. Nesse instante supremo de desespero, aparece um modesto médico, e que *não era funcionário público*, como expressivamente assegura a lápide tumular aposta à urna que encerra seus despojos, e se apresenta *voluntário* para combater sòzinho contra tão terrível inimigo. Parte para o campo da luta, certo de que ia tombar. Não solicita prèviamente recompensas. Apenas roga que amparem a espôsa e os filhos, em breve mergulhados na orfandade. Com as precárias defesas sanitárias conhecidas na época, a água de Labarraque para a desinfecção pessoal, desenvolve o combate necessário. Consegue restabelecer a ordem, enterrar os mortos e restituir a confiança ao meio. Mas o inimigo não o poupa. Abate-o. Morre no pôsto de honra, vítima do morbo implacável. Êste sublime indivíduo chamou-se: Cipriano Barbosa Betâmio. Herói como os que mais o foram. Honra e respeito à sua memória.

Outras figuras excelsas, do quilate das já evocadas, vamos ainda encontrar por ocasião das pugnas pela libertação do Brasil, nas alturas de 1821 a 1823. Joana Angélica e Maria Quitéria de Jesús Medeiros são dois vultos femininos que se tornaram então imortais aos olhos dos brasileiros. A primeira, em seu pòsto de honra, como superiora do Convento da Lapa, opõe-se corajosamente à entrada das tropas do General Madeira no cenóbio sob sua guarda. E' varada a baionetas, à porta da clausura, pela soldadeca desenfreada, que só penetrou na Casa de Deus, passando sôbre seu cadáver. A segunda, numa antecipação secular, toma trajés masculinos, para ocultar-lhe o sexo, e alista-se no exército libertador de Labatut e Lima e Silva. Marcha ao lado dos bravos que acabaram por expulsar do solo pátrio as tropas portuguesas de ocupação. Pratica atos de heroísmo louvados em ordem do dia. Descoberta sua condição feminina, permanece imaculada no seio da tropa, contribuindo, eficientemente, para a vitória final das armas brasileiras.

Em se tratando dos heróis da libertação do Brasil, não podem ficar olvidados os quatro humildes proletários, alfaiates e soldados que, em 1799, pagaram com a vida, na fôrça, o crime de desejarem um Brasil livre. Manuel dos Santos Lira, João de Deus Nascimento, Lucas Dantas de Amorim Tôrres e Luís Gonzaga das Virgens assim se chamaram. Foi o primeiro sangue baiano a correr pela nossa redenção. Glória aos mártires inconfidentes da Cidade do Salvador!

Por ocasião da guerra contra o Paraguai, seguiram para o campo de batalha voluntários incorporados na Bahia. Acompanhando seus filhos, outra baiana egrégia torna-se a mãe desvelada e indistinta de todos os soldados feridos. Esta é mais conhecida de todos vós. Nasceu na cidade de Cachoeira, à margem do Rio Paraguaçu. Como Dona Francisca de Sande, foi precursora da benemérita Cruz Vermelha Brasileira. Seu nome: Ana Néri.

Se no terreno do heroísmo, pude apontar-vos tantos nomes baianos ilustres, no do civismo muitos mais poderia citar-vos. Dois, porém, gigantescos pelo gênio imortal do verbo e da palavra escrita, bastam para iluminar, com clarões de relâmpagos, os céus de nossa Pátria: Castro Alves e Ruy Barbosa. Quem de vós ignora, por certo, a obra insigne dêstes dois vultos de exceção? Ambos tiveram a ventura de estudar na capital bandeirante. Deixaram nas arcadas do Largo de São Francisco a mais brilhante tradição, reverenciada ainda hoje pela legião de alunos que cursam a gloriosa Faculdade de Direito de São Paulo.

Finalizando, peço vênia para relembrar o traço cívico de união máximo que liga a minha Bahia ao nosso São Paulo. José Bonifácio de Andrada e Silva, o arquiteto sublime de nossa emancipa-

ção política, depois de haver conseguido desligar o Brasil do jugo colonial português, cai em desgraça. E' preso e exilado para a França. Esquecem-lhe momentâneamente os grandes méritos os seus próprios conterrâneos. Mas os baianos, que respeitam sua figura impressionante, não o perdem de vista. Por duas vêzes, elegem-no seu representante na Assembléia Geral, sem que êle consiga tomar posse de sua cadeira de deputado. Insistem nesse propósito até que, pela terceira vez, o fazem com êxito. Assumindo o pôsto de representante da Bahia, mostra-se José Bonifácio sumamente reconhecido àquêles que tanto o exaltaram, arrostando a ira dos seus inimigos políticos. E enfeixa sua gratidão nessa maravilhosa *Ode aos Baianos*, que tomo a liberdade de ler como chave de ouro desta minha desprerenciosa exposição.

#### ODE AOS BAIANOS

Altiva Musa, ó tu que nunca incenso  
Queimaste em nobre altar ao Despotismo;  
Nem insanos encômios proferiste  
De cruéis Demagogos;

Ambição de poder, orgulho e fausto,  
Que os Servis amam tanto, nunca, ó Musa,  
Acenderam teu estro — a só Virtude  
Soube inspirar louvores.

Na abóbada do templo da Memória  
Nunca comprados cantos retumbaram.  
Ah! vem, ó Musa, vem: na Lira d'óiro  
Não cantarei horrores.

Arbitrária Fortuna! Desprezível  
Mais qu'essas almas vis, que a ti se humilham,  
Prósterne-se a teus pés o Brasil todo,  
Eu — nem curvo o joelho.

Beijem o pé que esmaga, a mão que açoita  
Escravos nados, sem saber, sem brio,  
Que o bárbaro Tapuia, deslumbrado  
O Deus do Mal adora.

Não — reduzir-me a pó, roubar-me tudo,  
"Porém nunca aviltar-me, pode o Fado:  
"Quem a morte não teme, nada teme —  
Eu nisto só confio.

Inchado de poder, de orgulho e sanha,  
Treme o Vizir, se o grão-Senhor carrega,  
Porque mal digerio, sobrolho iroso,  
Ou mal dormio a sesta.

Embora nos degraus do excelso trono  
Rasteje a lesma, para ver se abate

A virtude que odia — a mim me alenta  
Do que valho a certeza.

E vós também, Baianos, desprezastes  
Ameaças, carinhos — desfizestes  
As cabalas, que pérfidos urdiram  
Inda no meu destêrro.

Duas vêzes, Baianos, me escolheste  
Para a voz levantar a pró da Pátria  
Na Assembléia Geral; mas duas vêzes  
Foram baldados votos.

Porém enquanto me animar o peito  
Este sopro de vida, que inda dura,  
O nome da Bahia, agradecido,  
Repetirei com júbilo.

Amei a liberdade e a independência  
Da doce cara pátria, a quem o Luso  
Oprimia sem dó, com riso e mofa —  
Eis o meu crime todo!

Cingida a fronte de sangrentos Loiros  
Horror jamais inspirará meu nome;  
Nunca a viúva há-de pedir-me o espôso,  
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagelar humanos —  
Meu nome acabe, para sempre acabe,  
Se para o libertar do eterno olvido  
Forem precisos crimes.

Morrerei no destêrro em terra estranha,  
Que no Brasil só vis escravos medram —  
Para mim o Brasil não é mais pátria,  
Pois faltou a justiça.

Vales e serras, altas matas, rios,  
Nunca mais vos verei — sonhei outrora  
Poderia entre vós morrer contente,  
Ah! não — monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave  
Parar o aéreo vôo, e de mil flores  
Roubar aromas, e brincar travesso  
C'o trêmulo raminho.

Oh! país sem igual, país mimoso!  
Se habitassem em ti sabedoria,  
Justiça, altivo brio, que enobrecem  
Dos homens a existência.

De estranha emulação aceso o peito,  
Lá me ia formando a fantasia

Projectos mil para vencer vil ócio,  
Para criar prodígios!

Jardins, vergéis, umbrosas alamedas,  
Frescas grutas então, piscosos lagos,  
E pingues campos, sempre-verdes prados,  
Um novo Edem seriam.

Doces visões! fugi — ferinas almas  
Querem que em França um deterrado morra...  
Já vejo o Gênio da certa morte  
Ir afiando a foice!

Galicana donzela, lacrimosa,  
Trajando ltuosas roupas longas,  
Do meu pobre sepulcro a tósca lousa  
Só cobrirá de flores;

Que o Brasil inclemente (ingrato ou fraco)  
Às minhas cinzas um buraco nega;  
Talvez tempo virá, que ainda pranteie  
Por mim com dor pungente.

Exulta, velha Europa: o novo Império,  
Obra prima do Céu! por fado ímpio,  
Não será mais o teu rival ativo  
Em comércio e marinha.

Aquê, que gigante ainda no berço  
Se mostrava às nações, no berço mesmo  
E' já cadáver de cruéis Harpias,  
De malfazejas Fúrias.

Como, ó Deus! que portento! a Urania Venus  
Ante mim se apresenta! — Riso meigo  
Banha-lhe a linda bôca, que escurece  
Fino coral nas côres.

“Eu consultei os fados, que não mentem  
(Assim me fala piedosa a Deusa)  
“Das trevas surgirá sereno dia  
“Para ti, para a pátria.

“O constante varão, que ama a virtude,  
“Da borrasca c'os berros não se assusta;  
“Nem como a folha do álamo fremente  
“Treme à face dos males.

“Escapaste a cachopos mil ocultos,  
“Em que há-de naufragar, como até agora,  
“Tanto Áulico perverso. — Em França, amigo,  
“Foi teu destêro um pôrto.

“Os teus Baianos; nobres e Eriosos,  
“Gratos serão a quem lhes deu socôrro

“Contra o bárbaro Luso, e a liberdade  
“Meteu no solo escravo.

“Há-de enfim essa gente generosa  
“As trevas dissipar, salvar o Império;  
“Com êles liberdade, paz, justiça,  
“Serão nervos do Estado.

“Qual a palmeira que domina ufana  
“Os altos topos da floresta espessa,  
“Tal bem presto há-de ser no mundo novo  
“O Brasil bem fadado.

“Em vão de paixões vis cruzados ramos  
“Tentaram impedir do sol os raios —  
“A luz vai penetrando a copa opaca,  
“O chão brotará flores”.

Calou-se então — voou. E as soltas tranças  
Em tórno espalham mil sabéos perfumes,  
E os Zéfiroas as asas adejando  
Vazam dos ares rosas.

*EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO.*